

Gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes

Lucas Lazzarotto Vasconcelos Costa

Danielle Machado Visentini

Juliano Beck Scott

Aline Cardoso Siqueira

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender as relações entre gênero e violência nos relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes. Para tanto, foram realizados grupos focais com 29 adolescentes, estudantes do 9º ano do ensino fundamental e EJA de três escolas públicas de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. Os participantes tinham entre 13 e 17 anos de idade. Os dados coletados foram submetidos à Análise Temática Reflexiva, o que possibilitou a elaboração de dois temas. No primeiro, a violência apresentou-se como ferramenta para a construção das masculinidades. A violência física ocupa um lugar central no imaginário desses jovens, sendo uma via de descarga para agressividade, bem como uma prática sujeita a sanções legais. No segundo tema, a violência evidenciou-se como um dispositivo de coerção e amedrontamento das meninas adolescentes. Foi possível observar que as situações de violência são onipresentes nas vivências das adolescentes, sendo mais intensas no contexto dos relacionamentos e após o término. Conclui-se que a violência é um importante marcador das desigualdades de gênero nos relacionamentos entre adolescentes, colocando as meninas adolescentes em situação de desvantagem em relação aos meninos.

Palavras-chave: Adolescência; violência; relacionamento interpessoal; papel de gênero.

ABSTRACT

Gender and violence in affective-sexual relationships among adolescents

The aim of this study was to understand the relationship between gender and violence in adolescents' affective-sexual relationships. Focal groups were carried out with 29 adolescents, students of the 9th year of elementary school and EJA from three public schools in a city in the interior of Rio Grande do Sul. The participants were between 13 and 17 years old. The collected data were submitted to Reflexive Thematic Analysis, which allowed the elaboration of two themes. In the first theme, violence was a tool for the construction of masculinities. Physical violence particularly occupies a central place in the imagination of these adolescents, being a way of discharge for aggression, as well as a practice subject to legal sanctions. In the second theme, violence was a tool of coercion and intimidation of adolescent girls. It was possible to observe that situations of violence are omnipresent in the experiences of adolescents, being more intense in the context of relationships and after the breakup. We conclude that violence is an important marker of gender inequalities in relationships between adolescents, placing adolescent girls at a disadvantage compared to boys.

Keywords: Adolescence; violence; interpersonal relations; gender role.

Sobre os Autores

L. L. V. C.
orcid.org/0000-0001-8501-2059
Universidade Federal de Santa
Maria - Porto Alegre, RS
lvclucas@gmail.com

D. M. V.
orcid.org/0000-0002-6183-3482
Universidade Federal de Santa
Maria - Santa Maria, RS
daniellemvisentini@gmail.com

J. B. S.
orcid.org/0000-0001-9757-4913
Universidade Federal do Rio
Grande do Norte – Florianópolis,
SC
bs.juliano@gmail.com

A. C. S.
orcid.org/0000-0003-1430-9722
Universidade Federal de Santa
Maria - Santa Maria, RS
alinecsiq@gmail.com

Direitos Autorais

Este é um artigo aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC



A pesquisa sobre adolescência mobiliza uma série de pontos de vista divergentes. Coexistem perspectivas, como a proposta por Aberastury e Knobel, que consideram haver uma “Síndrome Normal da Adolescência” (Knobel, 1981), ou mesmo uma “histeria de crescimento” (Nasio, 2011), enquanto outras consideram que a adolescência consiste em um fenômeno criado historicamente e investido de significados pela sociedade, o qual nem todos os jovens têm o direito de vivenciar (Ozella, 2002). Utilizou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Brasil, 1990) como marco conceitual para olhar a adolescência, compreendida entre 12 e 18 anos.

A tendência contemporânea é reconhecer que a adolescência possui um sentido em si mesma, não se resumindo a uma preparação para a vida adulta (Schoen-Ferreira et al., 2010). A aquisição de conhecimentos e experiências relacionadas à esfera afetivo-sexual e à identidade de gênero cumpre um papel determinante nesse processo: são acionados aspectos como “aprendizado, aperfeiçoamento, preparação, ensinamento e experimentação” (Reis & Ribeiro, 2017, p. 95). Assim, a construção da identidade de gênero na adolescência é uma das tarefas vitais vivenciadas, podendo ter repercussões críticas para a cristalização de desigualdades entre homens e mulheres (Nascimento & Cordeiro, 2011).

A sexualidade e os relacionamentos afetivos representam um campo de disputas no qual é possível observar a “produção e reprodução de relevantes desigualdades marcadas por subalternizações diversas de gênero, raça e sexualidade” (Martins, 2017, p. 15). Estudos mostram que os significados atribuídos à violência nos relacionamentos afetivo-sexuais são permeados por representações de papéis de gênero, ratificando expectativas acerca deles nas relações (Cechetto et al., 2016). Borges e Dell’Aglío (2019) apontam que as meninas estão mais expostas a sofrerem violência no namoro. Nesse sentido, esses estudos corroboram os problemas presentes nesse campo e a atualidade desse debate.

De acordo com Raewyn Connell, (2005), gênero é uma forma de construir práticas sociais, estando inevitavelmente envolvido com outras estruturas sociais, como raça e classe. A autora também leva em consideração o importante papel da agência individual diante das estruturas de gênero, de forma que existem diferentes maneiras de se posicionar em relação a elas. Esse sistema configura-se como uma arena de constantes conflitos e negociações entre os agentes. Enquanto forma prioritária de dar significado às relações de poder (Scott, 1990), gênero encontra-se desde o princípio relacionado à noção de violência. Assim, os estudos de gênero representam um campo de crescente interesse analítico no estudo do fenômeno da violência.

Ainda que a violência de gênero seja realidade de homens e mulheres, as mulheres são as vítimas preferenciais, o que está relacionado à existência de um sistema de dominação-exploração, conhecido como patriarcado e caracterizado pela

subjugação da mulher pelo homem (Saffioti, 2015). Esse tipo de violência faz parte de um engendramento maior de opressão, que também compreende as violências baseadas nas determinações de raça e classe, de forma que se pode falar de um sistema patriarcal-racista-capitalista (Barroso, 2018). Tais estruturas formam as contradições básicas que favorecem e mantêm o funcionamento do sistema.

Quando se trata de violência de gênero entre adolescentes, é preciso levar em consideração as especificidades psicossociais desses sujeitos. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), os adolescentes são considerados sujeitos em condição peculiar de desenvolvimento, que devem receber prioridade absoluta na garantia de seus direitos fundamentais (Brasil, 1990). Dentre esses direitos, consta o direito à integridade, à saúde, à dignidade e ao respeito. Assim, considera-se fundamental que os adolescentes possam vivenciar suas relações com os pares em um ambiente seguro, saudável e livre de todo tipo de violência.

Um importante subsídio legal no combate à violência nos relacionamentos afetivo-sexuais é a Lei 11.340, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha (Brasil, 2006). A referida lei cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, entendida como “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006, p. 1, grifo nosso), perpetrada no contexto de “qualquer relação íntima de afeto, na qual o agressor conviva ou tenha convivido com a ofendida, independente de coabitação (Brasil, 2006, p. 2).

Apesar dos esforços da sociedade em prol de garantir os direitos fundamentais de adolescentes, a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais mantém-se como um sério problema, o que parece estar associado à perpetuação do modelo de dominação/exploração presente na própria estrutura social. A violência apresenta-se no interior de relacionamentos afetivo-sexuais de múltiplas formas. Estudos têm demonstrado que muitas de suas manifestações não são reconhecidas tanto pelos adolescentes quanto pelos adultos, como os comportamentos de controle e monitoramento, o que sugere a naturalização da violência (Cechetto et al., 2016; Colossi & Falcke, 2013; Oliveira et al., 2016). Tais comportamentos podem ser compreendidos como manifestações da violência psicológica.

Embora seja reconhecida a existência de violência psicológica nos relacionamentos, ela ainda não se configura como um fator para repensar a relação, ou seja, mesmo presente, é negligenciada pelo casal no sentido de minimizar a sua gravidade (Colossi & Falcke, 2013). Grande parte dos estudos sobre violência de gênero refere-se às situações abusivas nos relacionamentos entre pessoas adultas e à violência física, uma vez que a violência psicológica tem sido considerada menos grave socialmente, demonstrando a necessidade de

aprofundamento em estudos sobre esse tipo de violência entre adolescentes (Bezerra & Rodrigues, 2021; Cechetto et al., 2016; Nascimento & Cordeiro, 2011; Martins, 2017; Souza et al., 2018). Uma vez que os adolescentes são sujeitos de direitos, e considerando que os sistemas de opressão baseados no gênero e no sexo são os vetores prioritários para o exercício de relações de violência e dominação, o objetivo deste trabalho foi compreender as dinâmicas de violência psicológica nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes, a partir do referencial teórico-conceitual dos estudos de gênero.

MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório (Minayo, 2014). Trata-se de um recorte de um projeto de pesquisa mais amplo, que objetivou conhecer as características dos relacionamentos amorosos entre adolescentes na atualidade. O critério de inclusão adotado foi estar matriculado em uma escola pública e ter assiduidade, e o critério de exclusão, coabitar com o(a) parceiro(a). No contexto desta pesquisa, adotou-se a categorização preconizada pelo ECA, que considera como adolescentes as pessoas com idade entre 12 e 18 anos (Brasil, 1990). Os dados analisados são originários de grupos focais (Gaskell, 2002) realizados com 29 adolescentes, dos quais 21 eram meninas e 8, meninos, estudantes de três escolas públicas da periferia de uma cidade no interior do Rio Grande do Sul. A idade dos participantes variou de 13 a 17 anos. Destes, 19 participantes (65,52%) identificaram-se como brancos e 6 (20,7%) identificaram-se como não brancos (um claro, dois pardos, dois negros e um moreno); 4 participantes não informaram cor ou raça. Quanto aos arranjos familiares, 11 participantes afirmaram morar com pai e mãe, enquanto 9 participantes relataram morar apenas com a mãe. Outros arranjos familiares informados foram família monoparental masculina, família extensa, monoparental materna e extensa, casal com filhos e família extensa.

Em cada escola, foi estabelecido um grupo focal, misto em relação ao sexo dos participantes, e cada grupo reuniu-se três vezes, totalizando nove encontros. Os encontros, realizados entre maio e abril de 2019, aconteceram no turno de aula em duas instituições escolares e no turno inverso em uma delas. O tópico-guia do primeiro encontro foi “concepções dos adolescentes sobre relacionamentos afetivo-sexuais”; do segundo, “entendimento sobre violência no namoro”; e, do terceiro, “formas de evitar a violência no namoro”. Os adolescentes foram convidados a dialogar livremente sobre os temas propostos. A temática do gênero assumiu centralidade no discurso dos participantes, sendo utilizada para dar significado às diversas vivências nos relacionamentos afetivo-sexuais, inclusive às situações de violência relatadas.

Foram respeitadas as diretrizes éticas para pesquisas

com seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012, 2016). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da universidade sede da pesquisa, obtendo o CAEE 09210918.5.0000.5346. Após a explanação dos objetivos e procedimentos da pesquisa, os responsáveis pelos adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os participantes assinaram o Termo de Assentimento. Os encontros dos grupos foram agendados na escola após a entrega dos TCLE assinada pelos pais, autorizando a participação do adolescente, sendo audiogravados, transcritos e analisados de acordo com a análise temática reflexiva (Braun & Clarke, 2006, 2019). Optou-se por respeitar, nas transcrições, o estilo próprio da fala dos participantes, que possui marcas de sua situação sociocultural e geográfica.

A codificação foi realizada durante leituras sucessivas das transcrições, procurando por semelhanças e contradições ao longo do material. Utilizou-se, para este estudo, os excertos em que se discute gênero e violências. O conjunto de excertos foi organizado em temas, definidos *a posteriori*, que foram trabalhados no sentido de garantir que eles fossem coerentes e distintos entre si. Com os temas desenvolvidos, foi realizada uma seleção de extratos ilustrativos de cada tema, que foram trabalhados em mais detalhe e relacionados à literatura pertinente. Para garantir o anonimato dos participantes, estes foram identificados por meio de nomes fictícios.

Os principais subsídios teóricos mobilizados para as análises foram os conceitos adotados por Saffioti (2015), que considera gênero como um conceito que deve ser discutido a partir das relações sociais de classe e raça, bem como da luta pela erradicação de qualquer tipo de exploração e opressão. A autora contribui com a discussão de gênero ao introduzir a perspectiva do patriarcado a partir de uma base material e sócio-histórica, determinada por meio de relações concretas. Dentre as relações que compõem a estrutura patriarcal, encontram-se: as relações sociais de sexo/sexualidade; a constituição da família heteropatriarcal-monogâmica; a divisão sexual e racial do trabalho; e a violência contra a mulher e a população LGBT (Cisne & Santos, 2018). Sendo assim, as relações patriarcais de gênero dizem respeito às relações hierárquicas de exploração e opressão presentes nas relações entre os sexos e que se encontram ancoradas na diferença sexual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise dos extratos, foram construídos dois temas. O primeiro aborda a construção das masculinidades e o cultivo dos atributos a ela associados, como agressividade, potência e virilidade, além de uma relação com as mulheres baseada na objetificação. O segundo tema aborda a violência como instrumento para a coerção e amedrontamento alicerçado nas diferenças de gênero, o que coloca as meninas

adolescentes em posição de desvantagem.

Violência e masculinidades

Esse tema trata das relações entre a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais e a construção das masculinidades pelos adolescentes. A associação entre a força física e o corpo masculino é evidenciada pela fala de uma participante: “Não é que ele seja mais forte que a mulher. É que realmente o homem tem um físico para ser mais forte” (Alice, 15 anos). Esse ponto de vista parece compreender a masculinidade como um atributo intrínseco ao corpo do homem, amparado por suas características fisiológicas (Connell, 2005). Essas características deixam de ser entendidas em sua historicidade para serem consideradas dados da natureza, sustentados por uma suposta objetividade biológica (Bourdieu, 2012). Tal compreensão remete ao determinismo biológico ao considerar que as diferenças entre homens e mulheres são herdadas geneticamente (Laraia, 2001). Contemporaneamente, sabe-se que essas diferenças são produzidas por meio de estratégias de socialização que buscam cultivar neles os atributos socialmente desejáveis de acordo com o gênero: “meninos e meninas agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada (Laraia, 2001, p. 20).

Ao se falar de masculinidades, é importante observar que não existe uma única masculinidade normativa e que emana do corpo biológico. Connell (2005) propõe o conceito de masculinidade hegemônica, entendida como o conjunto de práticas e discursos que garantem a posição de dominação de um grupo de homens sobre mulheres e outros homens (Connell, 2005). A partir desse enquadre teórico, é possível compreender que existem diferentes formas de se posicionar em relação à masculinidade hegemônica, desde a cumplicidade tácita até a subordinação e a marginalização (Connell, 2005).

Em muitos casos, as motivações para a violência estão ligadas às histórias afetivo-sexuais dos jovens. No trecho a seguir, um menino relata um caso de crime passionnal motivado por ciúme:

Arthur (14 anos): Sora, mas às vezes, os guri mata os guri.

Pesquisadora: Os guri mata guri?

Arthur: É, porque mexe com a namorada do outro aí vai lá.

Júlia (14 anos): Lá perto de casa mataram um guri por causa disso.

No caso narrado, trata-se de uma forma extrema de violência na qual participaram dois meninos, um como vítima e o outro como agressor. Nessa cena, a violência surge como um importante componente das políticas entre homens, desempenhando uma função transacional (Connell, 2005). Observa-se, assim, que uma das funções da violência é estabelecer dominância diante de outros homens.

Mesmo quando surge no relacionamento, os adolescentes entendem que a agressividade precisa ser descarregada. Surgem, então, relatos de destruição de patrimônio público e pessoal, entendida como forma de dar vazão à própria raiva:

Gabriel (15 anos): Eu já quebrei o vidro do colégio, já quebrei dois celular.

Pesquisadora: O teu ou o da outra pessoa?

Gabriel: O meu. Me dá um negócio que Deus o livre. Eu posso ficar o mais louco possível com a namorada, mas eu... Deus me livre bater em guria... prefiro me socar na parede. Bater em mulher, não.

Matheus (16 anos): Às vezes ele desconta [a raiva] pra ele não descontar nos outros.

Apesar de que, no caso relatado, a violência contra a mulher não tenha sido consumada, o vigor com que essa ideia é repelida (“Deus me livre bater em guria”) pode ser um indicio da relação de poder que se estabelece. Mesmo que as formas mais explícitas de violência contra a companhia não estejam presentes nesses relatos, não se deve supor relações pacíficas. Em primeiro lugar, é preciso considerar que os participantes têm consciência, em algum nível, de que praticar violência nos relacionamentos afetivo-sexuais é algo indesejável, em consonância com os achados da pesquisa conduzida por Cechetto et al. (2016). Em segundo lugar, pode-se pensar que está em ação o mecanismo de naturalização da violência, que faz com que os adolescentes não percebam certas situações como violentas. Nesse cenário, a violência naturalizada pode estar a serviço da manutenção da masculinidade.

A fala dos participantes sugere, também, que a namorada é potencialmente “enlouquecedora”, sendo revitimizada e culpabilizada pela violência sofrida. A necessidade de tramitar a agressividade dessa forma sugere a fragilidade das estratégias de manejo e controle da raiva desses jovens. Essa fragilidade faz com que, diante de situações estressantes, os meninos estejam mais propensos do que as meninas a reagir com violência física ou verbal (Oliveira et al., 2016).

Pelo exposto, observa-se que a violência física contra as mulheres é rechaçada por esse grupo de jovens. Uma das possíveis explicações é que eles sabem da existência de sanções jurídicas contra os homens autores de violência. A judicialização dos casos de violência de gênero ocupa um lugar central no imaginário dos participantes. Além da perda da liberdade, os meninos temem as punições informais que são reservadas aos homens que agredem mulheres, como mencionado por Rafael (17 anos): “os cara sabem que é errado agredir. Qualquer coisa que tu fizer pra uma mulher, tu vai preso [na penitenciária regional]. No momento que tu bate, tu já vai pra lá. Além de tu ser preso aí tu chega lá e descobrem que tu bateu numa guria, te quebram mais a cabeça um pouco, te quebram, te matam”.



A força física e a agressividade, entendidas pelos participantes como atributos essencialmente masculinos, são algumas manifestações do que Bourdieu (2012) entende como a “virilidade”. Para o autor, a virilidade funciona como um valor relacional, na medida em que depende do reconhecimento dos outros. As manifestações da virilidade são variadas e incluem, além das já mencionadas, demonstrações de potência sexual. É essa potência que está em jogo no trecho abaixo, que exemplifica um aspecto do comportamento afetivo-sexual masculino:

Luiza (15 anos): [Os meninos] competem [para saber] quem fica com mais gurias.

Pesquisadora: Como funciona essa lista de quem fica com mais e quem fica com menos?

Bianca (14 anos): Eu não sei não, não sou guri.

Marina (17 anos): Eu também não sei.

Amanda (15 anos): Eu nunca fiz isso.

No referido diálogo, observa-se uma acentuada diferença no estilo de relacionamento praticado por meninos e por meninas, materializada pelos seus posicionamentos em relação ao “ficar”, uma prática epidérmica, efêmera e voltada para a satisfação e o acúmulo de sensações, praticada tanto por meninas quanto por meninos (Chaves, 2016). Os participantes desta pesquisa, no entanto, associam o *ficar* a uma atitude masculina, a uma competição de virilidade, o que sugere a existência de padrões diferentes associados às sexualidades masculina e feminina, como mencionado na literatura (Cechetto et al., 2016). Tal arranjo parece reforçar, novamente, as diferenças de gênero vigentes e o papel subalterno reservado às meninas.

O aspecto ético (defesa da honra) e físico (exibição da potência sexual e agressividade) da virilidade parecem ser indissociáveis (Bourdieu, 2012), figurando no discurso dos adolescentes de um modo entrelaçado. A retaliação a um rival surge como o pretexto para a defesa da honra e para a demonstração de hostilidade, conforme expresso por Gabriel (15 anos):

Quando algum homem olha [para minha companheira] eu tiro satisfação. ‘Tá olhando para a minha mina por quê?’. Tipo assim, mexendo assim, passa ali e começa a mexer ali. [...]. Por exemplo, tu está namorando e a tua namorada quer botar uma roupa que fique legal, pra combinar contigo, ir num lugar bonito. Aí a pessoa fica com ciúmes e quer mandar a pessoa toda tapada de moletom, calça, abrigo. **É eu que vou estar pegando, não é os outros que vão estar cruzando na rua e vão estar olhando.** Olhar não mata, aí mexer já complica.

Nesse trecho, a mulher parece ser entendida como um “troféu” a ser exibido. A exibição da companheira é um momento tenso, já que o limiar entre o “olhar” e o “mexer” é instável. Percebe-se o interesse dos meninos pela dinâmica de exibição/ocultação das companheiras, que, no trecho, é operacionalizada por meio das roupas. Em um primeiro momen-

to, a roupa serve como um realçador da beleza e objetificador da mulher, devendo ser compatível com o ambiente. Em seguida, surge como uma barreira contra o olhar daqueles que são vistos como rivais. Esse dado vem ao encontro de estudos recentes que indicam que a objetificação feminina é uma das formas de violência de gênero mais invisibilizadas (Delgado, 2018; Vásquez et al., 2018).

O jogo de exibição e proteção da parceira pode se desenrolar de múltiplas maneiras. No excerto a seguir, observa-se outra configuração, na qual o ciúme ganha centralidade:

Tem parentes meus, só que mais velhos, 16, 17 anos. O namorado dela priva ela de fazer muitas coisas. Ela é muito bonita, ela se maquia, ele quer proibir ela de se maquiar, de postar fotos [nas redes sociais]. Ele fez ela apagar o Facebook por causa de uma foto. E ele é tão obsessivo que um dia um cara curtiu a foto dela com um ‘amei’ e ele conseguiu o número do cara, ligou e ameaçou ele (Larissa, 14 anos).

Estudos têm indicado que o ciúme é largamente utilizado como justificativa para a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes (Cechetto et al., 2016; Martins, 2017; Oliveira et al., 2016; Rezende & Silva, 2018). Se as situações de violência discutidas anteriormente desenrolaram-se na rua, na presença de todos os envolvidos, observa-se que essas situações também podem ocorrer em uma relação mediada pela internet. Trata-se de mais um dado que reitera a hostilização do rival e a dominação da companheira, a partir de uma relação de poder baseada no machismo e na objetificação e controle das mulheres (Bourdieu, 2012). Tal achado sugere que os comportamentos de controle e monitoramento encontram, na internet, um novo ambiente no qual podem se manifestar.

As redes de sociabilidade em que os relacionamentos dos participantes se desenrolam possuem zonas de hostilidade, de forma que um simples passeio na rua pode servir como pretexto para troca de ofensas entre os meninos:

Assim, sora, tu cruza na rua e um piá já ficou com aquela mina, mas só ficou, nunca transou com a guria, e começa a falar ‘ah eu já transei, já comi, já fiz ela mamar’, coisas assim. Aí tu fica assim com aquele pensamento na cabeça, ‘será que isso é verdade?’. E a menina falando que nunca fez nada com ele, só ficou e ele mesmo assim continua insistindo (Gabriel, 15 anos).

Pelo exposto, pode-se constatar que, pelo menos nesse grupo de adolescentes, a castidade na adolescência não é nem um ideal e nem uma imposição. Mesmo assim, curiosamente, é possível observar algo que remete a um ideal de castidade, como se não fosse aceitável a ideia de que a parceira pudesse ter mantido relações sexuais com outra pessoa anteriormente. Este é um reflexo do ideal de “mulher mariana”, resultado do passado colonial e da influência do cristianismo sobre as sociedades que constituem a América Latina.

De acordo com esse ideal, a mulher pode e deve controlar seu desejo e sua busca por prazer (Tinoco & Silva-Segovia, 2018).

Ainda é possível visualizar, nesse trecho, um outro aspecto da dinâmica entre os gêneros: a pequena história narrada trata basicamente de uma disputa entre a credibilidade de dois discursos, que se contradizem: o da menina, que afirma não ter mantido relações sexuais, e o do rival, que diz já ter transado com ela. Apesar de a garota ser sua companheira, basta a palavra de um outro homem, disparada casualmente quando se “cruzam nas ruas”, para deslegitimar o discurso dela, o que dá pistas da pouca credibilidade do discurso feminino naquele contexto.

A socialização de acordo com os paradigmas de gênero é compulsória em nossa sociedade. Assim, não se deve concluir que os efeitos da virilização dos meninos não os afetam negativamente. A pressão por performar masculinidade e a obrigação de agir de modo viril pode ser uma responsabilidade exaustiva, colocando os meninos em uma situação de grande vulnerabilidade (Cechetto et al., 2016). Em pesquisa com adolescentes espanhóis sobre violência nas redes sociais virtuais, concluiu-se que os meninos são vítimas de violência, sobretudo quando se desviam do modelo de masculinidade hegemônica (Vásquez et al., 2018).

Em síntese, pode-se afirmar que as situações de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes são bastante diversas, relacionando-se intimamente à construção das masculinidades. Nota-se que a violência física ocupa um lugar de centralidade do imaginário dos participantes, o que, em alguns momentos, sugere uma invisibilização de outras formas de violência. Outra ideia central contida nesse tema é a de que meninos e meninas desempenham papéis distintos nos relacionamentos afetivo-sexuais, o que pode ser observado, por exemplo, nas relações com a agressividade e com modalidades de relacionamento como o “ficar”. Tais diferenças apontam para a perpetuação das desigualdades de gênero que culminam em desvantagens para as meninas, apesar de também colocarem os meninos em posição de vulnerabilidade.

“A Mulher tem Medo”: Quando a Violência Adentra o Relacionamento

Neste tema, são apresentados e discutidos alguns trechos que tratam da perspectiva das meninas adolescentes sobre a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais. Se, para os meninos, a violência desempenha um papel importante na construção das masculinidades, as meninas vivenciam-na de uma maneira muito diferente, por meio do medo e da insegurança. Parceiros e ex-parceiros figuram frequentemente como ameaças em potencial, e vários relatos são dados em terceira pessoa, o que sugere uma tentativa de distanciamento.

Enquanto os meninos aventuram-se em rotinas de “fica-

das” que podem ser entendidas como predatórias, ficando com dezenas de meninas na mesma noite, as meninas expressam cansaço e frustração quando se referem aos relacionamentos afetivo-sexuais, principalmente por considerarem que são de curta duração, muita intensidade e marcados por conflitos: “Eu acho que a maioria dos relacionamentos de adolescência hoje em dia são uma merda.” (Alice, 15 anos); “[Relacionamento] só dá errado, só dá errado... eu namorei sete vezes e nenhuma [deu certo]...” (Rafaela, 13 anos).

Pode-se entender essa insatisfação como um fator constitutivo da própria ideia de amor romântico. Ter uma relação bem-sucedida, do ponto de vista da participante, consistia em poder compartilhar momentos bons, sem conflitos significativos. Essa concepção de amor guarda uma relação radical com o machismo da sociedade moderna, afetando bem mais as aspirações femininas do que as masculinas (Giddens, 1993). O excerto anterior sugere que as meninas desejam estar em um namoro, mesmo que este não seja um local confortável para elas: tanto no namoro quanto após o término, as mulheres estão em situação de vulnerabilidade. Os participantes relatam, por exemplo, violência sexual: “A pessoa está braba, não está feliz com a vida e ela não quer transar, por exemplo, daí o guri vai ali e pega e quer insistir, insistir até fazer a força” (Gabriel, 15 anos); “É mais fácil o namorado forçar [o ato sexual]” (Júlia, 14 anos).

O vocabulário usado nesses relatos indica a relação entre sexo e poder, além da desconsideração do consentimento para relações sexuais e da assunção da ética nas relações. A violência é uma parte intrínseca dos sistemas de dominação e, nas relações de gênero, não é diferente (Giddens, 1993; Connell, 2005). Além disso, conforme observado em uma pesquisa com adolescentes brasileiros no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, os meninos aparecem como perpetradores de violência sexual, e não como vítimas (Cechetto et al., 2016).

Além da violência perpetrada pelo companheiro, os ex-companheiros também representam uma ameaça. Os casos de violência contra a mulher perpetrada por ex-companheiros aumentaram de 13% em 2011 para 37% em 2019, ficando atrás apenas das agressões perpetradas pelo companheiro, marido ou namorado, que representaram 41% das agressões em 2019 (DataSenado, 2019). As adolescentes participantes relataram casos de perseguição e vingança após o término: “Quando a pessoa termina, tem uma que não quer terminar. Pretende vingança: ‘ah tu não é minha, mas também não vai ser de mais ninguém’” (Matheus, 16 anos); “Uma vez eu estava com um guri e eu não queria mais ficar com ele porque a gente tinha brigado. Aí eu peguei e saí. Eu tava no shopping e ele me seguiu” (Nicole, 14 anos).

Esses são casos em que, aparentemente, o menino age com violência porque não aceitou o término da relação. Perseguir e tentar contato repetidamente com uma ex-parceira é uma forma de violência conhecida como *stalking*. A vivência

desse tipo de situação ameaçadora tem sido comum entre os adolescentes, uma vez que a literatura mostra alto índice de prevalência (Cloonan-Thomas, Daff, & McEwan, 2022; Smith-Darden, Reidy, & Kernsmith, 2016). Em um *survey* com 527 participantes adolescentes brasileiros, 62% dos participantes identificados como vítimas de *stalking* eram mulheres (Borges & Dell'Aglio, 2019). Além disso, estudos internacionais evidenciam que os meninos têm mais chances de apresentar comportamentos de perseguição e intimidação (Roberts, Tolou-Shams, & Madera, 2016; Smith-Darden, Reidy, & Kernsmith, 2016; Spitzberg et al., 2010).

Os participantes sinalizaram que as mulheres não sofrem violência apenas no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais. São investidas não consentidas, às quais as meninas não se posicionam contrárias. Elas estão permanentemente expostas a situações de assédio, como no relato de Júlia (14 anos): "O que acontece é a pessoa passar a mão sem ter consentimento. [...] Às vezes a pessoa não fala nada, mas a pessoa não quer, sabe". O sexismo, entendido como comportamentos ou crenças que ressaltam a desigualdade entre homens e mulheres, é um fenômeno que abrange a totalidade das relações sociais (Swim & Hyers, 2009).

O ambiente de medo e insegurança em que as meninas vivem é uma construção complexa. Para além das agressões e violências vivenciadas diretamente, existe também todo um *corpus* de informações que chegam pelos meios de comunicação. É frequente que casos de feminicídio sejam veiculados pela mídia:

Ah, eu tenho uma história também... Não sei se vocês viram a um tempo atrás que apareceu no Fantástico que foi toda espancada. [...] Ela conheceu o cara no mesmo dia. Eles já tinham conversado virtualmente e tal, aí quando resolveram se conhecer, foi na casa dela, né? Ele chegou lá e espancou ela, quase morreu mesmo. [...] É que a mulher tem medo. Eu mesma vi no jornal que teve uma mulher lá que denunciou [o companheiro] e aí soltaram o cara e o cara foi lá e esperou ela sair. Ela saía bem cedo para o serviço, acho que era 5 e pouco da manhã, estava escuro, aí ele se escondeu num lugar e matou ela (Júlia, 14 anos).

A mídia, devido ao papel central que ocupa na construção e circulação de significados (Silverstone, 2011), oferece ferramentas importantes para o processo de socialização dos adolescentes (Nascimento & Cordeiro, 2011). Nesse contexto, a forma como o feminicídio é narrado pela mídia transmite uma mensagem muito clara para as meninas. O medo incutido nelas, por meio dessas ameaças, é apenas um dos instrumentos que reforçam sua sujeição (Saffioti, 2015). A violência contra as mulheres produz nas vítimas ainda outros efeitos, como insegurança, estresse, dificuldades para dormir e depressão (Silva et al., 2015).

As histórias de violência contra mulheres próximas foram relatadas pelas participantes com riqueza de detalhes, o que sugere o impacto emocional que essas imagens suscitaram,

como é visto na fala de Nicole (14 anos):

Me contaram que uma mulher, ela sofria. O marido dela batia muito nela e daí um dia ela conseguiu convencer ele de levar o cachorrinho que tava doente no veterinário, daí eles foram. Ele ficou sentado com o cachorro e ela foi falar com as mulheres, disse para [o marido] que ia no banheiro e quando ela foi no banheiro ela entregou um bilhete para as mulheres. E no bilhete estava escrito só 'socorro', chama a polícia, meu namorado me bate alguma coisa assim; e as mulheres foram discretamente e ligaram. Daí ela voltou para a sala de espera e um tempo depois a polícia apareceu. Daí ela disse que o marido dela estava com uma arma na cintura. Daí os policiais chegaram, levantaram a blusa dele e realmente estava. Daí levaram ele preso e depois que ele saiu da sala ficou os paramédicos. Aí ela mostrou [que] estava toda machucada estava com casaco, óculos, cabelo solto. Ela tirou os óculos [e] estava com o olho roxo, o pescoço estava todo machucado, o braço... daí tipo ela chorou muito. Daí ele ficou preso.

As informações sobre violência extrema contra as mulheres não chegam apenas de lugares distantes: existem também os "relatos de violência na vizinhança" (Rezende & Silva, 2018). Em pesquisa nacional, 60% das mulheres entrevistadas afirmaram conhecer alguma mulher que já sofreu algum tipo de violência doméstica ou familiar (DataSenado, 2019). Adolescentes frequentemente mencionam casos de agressão entre casais de parentes, amigos e vizinhos (Cechetto et al., 2016). A onipresença desse tema provoca uma sensação de estranha familiaridade, de forma que histórias assustadoras e chocantes já não provocam espanto:

Letícia (14 anos): Tem mais uma história que aconteceu com a amiga da minha mãe, Meu Deus, apareceu na televisão. Ela e o marido dela tinham brigado e ela terminou. Ele era muito ciumento. Daí eles terminaram, aí ela saiu pra trabalhar cedo. Era umas 6h da manhã. Daí ela tava saindo trabalhar e ele apareceu do nada. Só que ela continuou porque ele já tinha seguido ela várias vezes e ele chegou e deu duas facadas no pescoço dela. Ela está baixada no hospital. Apareceu na televisão. Na frente da farmácia.

Pesquisadora: Isso choca vocês?

Meninas e meninos: Não.

Larissa (14 anos): Já é normal. O que não era para ser, mas já é normal.

Arthur (14 anos): Normal? Isso aí para ti é normal?

Nicole (14 anos): Não é para ser normal, mas acontece tanto que é normal.

O diálogo pode indicar uma certa naturalização de situações de risco de morte contra mulheres por parte das meninas, indicando concepções diferentes entre meninos e meni-

nas. O índice de feminicídio tem sido considerado alto no Brasil de acordo com Sistema de Informação de Agravos de Notificação – Sinan (Brasil, 2022). Dados do Ministério da Saúde mostram que as notificações de agressões físicas aumentaram de 2.339 em 2009 para 33.961 em 2016, e as situações de violência psicológica cometidas por cônjuge ou namorado aumentaram de 2.629 para 18.219 no mesmo intervalo (Brasil, 2022). Ainda, uma revisão sistemática evidenciou que variáveis econômicas e sociais, como menor renda e maior índice de desemprego, estão associadas a um maior índice de feminicídio, sugerindo que a desorganização social pode favorecer a criminalidade, como a violência severa contra a mulher (Soares et al., 2022).

Apesar de a violência ser considerada um atributo masculino, as meninas também fazem uso dela em algumas situações. Nesses casos, a violência é desqualificada, entendida como menos danosa (Cechetto et al., 2016). Enquanto os homens não são questionados ao expressar agressividade, a agressividade feminina recebe rótulos peculiares. A narração de uma cena de violência praticada por uma mulher provocou reações descontraídas:

Pesquisadora: Vocês acham que a mulher não faz a agressão física?

Vitória (14 anos): A minha irmã tocou uma televisão de 50 polegadas em cima do meu cunhado.

Meninas e meninos: Coitada da TV, cara.

Vitória: A TV era muito boa, chorei pela televisão.

Esther (16 anos): A irmã da Vitória é chata.

Vitória: É mesmo, tenho até medo de brigar com ela.

Neste outro fragmento, a agressividade feminina é entendida como fruto de uma personalidade desequilibrada, que remete à imagem da mulher histérica, difundida no senso comum:

Pesquisadora: Será que tem muitas mulheres que matam?

Vitória (14 anos): A minha irmã seria capaz.

Pesquisadora: Tua irmã seria?

Vitória: Ahã, minha irmã é louca.

Em outras palavras, o homem agressivo é bravo, viril, e não faz mais do que dar vazão à sua natureza; a mulher agressiva, por sua vez, é louca. Deve-se considerar que esta pode ser uma forma de violência psicológica, ao atribuir à mulher defeitos cognitivos ou de caráter como uma forma de desqualificá-la (Stark, 2019).

Em síntese, a violência parece um tema muito vivo no imaginário das meninas adolescentes. É interessante notar que as situações de violência frequentemente são relatadas em terceira pessoa, o que sugere uma estratégia de distanciamento em relação a essas situações. As participantes rela-

tam múltiplas formas de violência, mas parecem enfatizar aquelas relacionadas ao controle e à objetificação feminina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de gênero são onipresentes em nossa sociedade, organizando as dinâmicas de poder e de afeto entre os sujeitos. Os adolescentes estão sujeitos a essas normativas de uma maneira particular, uma vez que se encontram em uma importante etapa de constituição subjetiva e de vivência dos primeiros vínculos afetivo-sexuais. Enquanto sujeitos afetados pelas estruturas de gênero, os adolescentes estão, também, permeados pela violência, que é parte constitutiva de todas as estruturas de dominação (Giddens, 1993; Connell, 2005).

Os resultados deste estudo forneceram dados sobre as relações de gênero e a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. As dinâmicas de gênero são atravessadas pela violência, e esta toca meninos e meninas de maneiras muito diferentes. Para os meninos, ela funciona como instrumento de afirmação da virilidade, assim como forma de controle e poder (Connell, 2005). Para as meninas, a violência se apresenta como uma ameaça, que as interpela a partir de múltiplas interfaces: não só no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, mas também após o término, por meio da mídia e das vivências de pessoas próximas. Cabe considerar que a reprodução dos estereótipos sociais pode indicar um aprisionamento dos meninos nos papéis sexistas, uma vez que parecem não se sentir autorizados a agir de outra forma, podendo ter repercussões em suas relações (Delgado, 2018; Vásquez et al., 2018).

Nos relatos dos adolescentes, observou-se que as desigualdades de gênero fundamentam uma série de atitudes violentas e degradantes, que ferem o direito ao respeito e à integridade física e psicológica. Atitudes como naturalização da violência, desconfiança, sexo forçado, práticas de controle e monitoramento, ridicularização da agressividade das mulheres, entre outras (Cechetto et al., 2016), sugerem que há uma falha importante na constituição de princípios éticos fundamentais que deveriam balizar as interações sociais, sobretudo os relacionamentos íntimos. Além disso, tais atitudes mostram a perpetuação de modelos aprendidos socialmente, baseados em sistemas de dominação e opressão.

É fundamental que a Psicologia, enquanto ciência e profissão, trabalhe em prol da minimização de estereótipos de gênero para que os relacionamentos afetivo-sexuais não sejam palco de comportamentos de violência de gênero. Ocupar-se dessas questões também é sinônimo de proteção e garantia dos direitos dos e das adolescentes.

Este estudo possui algumas limitações. Dentre elas, destaca-se a pouca ênfase dada às interfaces entre gênero, raça e classe. Pesquisas futuras devem investigar esses fatores

conjuntamente, uma vez que são apenas diferentes aspectos de uma mesma estrutura de opressão e manutenção de desigualdades. Assinala-se ainda que, devido ao desenho deste estudo, não foi possível compreender como as desigualdades de gênero são transmitidas aos adolescentes. Faz-se necessário investigar as relações entre violência de gênero e estilos parentais, e, também, a influência dos meios de comunicação e da internet.

FINANCIAMENTO

A pesquisa relatada no manuscrito foi financiada parcialmente pela bolsa de iniciação científica do primeiro autor (FAPERGS).

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Certificamos que todos os autores participaram suficientemente do trabalho para tornar pública sua responsabilidade pelo conteúdo. A contribuição de cada autor pode ser atribuída da como se segue:

L.L.V.C e A.C.S contribuíram na concepção do estudo. D.M.V realizou a coleta e preparação dos dados. Todos os autores participaram na análise e discussão dos dados. L.L.V.C. realizou a redação inicial do artigo. Todos os autores realizaram a revisão crítica e aprovação da versão final do manuscrito.

DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflitos de interesse no manuscrito submetido.

REFERÊNCIAS

- Barroso, M. F. (2018). Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista. *Serviço Social & Sociedade*, 133, 446-462. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.153>.
- Bezerra, A. R., & Rodrigues, Z. M. R. (2021). Violência contra mulheres: o perfil da vítima e do agressor em São Luís - MA. *Revista do Departamento de Geografia*, 41(1), e176806. <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2021.176806>.
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2019). Stalking following the breakup of dating relationships in adolescence. *Trends in Psychology*, 27(2), 413-426. <https://doi.org/10.9788/TP2019.2-09>.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina* (11ª ed). Bertrand Brasil.
- Brasil. (2006). Lei nº 11.340. Diário Oficial da União. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm.
- Brasil. (1990). Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90.
- Brasil. (2022). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Sistema de Informação de Agravos de Notificação. <http://portalsinan.saude.gov.br/sinan>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., & Clarke, V. (2019). Reflecting on reflexive thematic analysis. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 11(4), 589-597. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806>.
- Cechetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K, & Minayo, M. C. S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface (Botucatu)*, 20(59), 853-864. <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0082>.
- Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320-330. <http://www.nipiac.ufrj.br/producao2/item/722-pr%C3%A1ticas-afetivo-sexuais-juvenis-entre-a-superficialidade-e-o-aprofundamento-amoroso>
- Cloonan-Thomas, S., Daff, E. S., & McEwan, T. E. (2022). Post-relationship stalking and intimate partner abuse in a sample of Australian adolescents. *Legal and Criminological Psychology*, 27(2), 194-215. <https://doi.org/10.1111/lcrp.12206>
- Cisne, M., & Santos, S. M. M. (2018). Feminismo, diversidade sexual e serviço social. Cortez.
- Colossi, P. M, & Falcke, D. (2013). Gritos do Silêncio: A Violência Psicológica no Casal. *Psico*, 44(3): 310-318. https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revista_psico/article/view/11032/10404
- Connell, R. (2005). *Masculinities* (2ª ed.). University of California Press.
- Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466/2012. Ministério da Saúde. https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res_0466_12_12_2012.htm.
- Conselho Nacional de Saúde. (2016). Resolução nº 510/2016. Ministério da Saúde. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.
- DataSenado. (2019). Violência doméstica e familiar contra a mulher. Senado Federal. <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/arquivos/aumenta-numero-de-mulheres-que-declaram-ter-sofrido-violencia>.

- Delgado, A. (2018). El sufrimiento de la mujer objeto. Consecuencias de la cosificación sexual de las mujeres en los medios de comunicación. *Feminismo/s*, 31, 167-186. <https://doi.org/10.14198/fem.2018.31.08>
- Gaskell, G. (2002). Entrevistas individuais e grupais. In: M. Bauer & W. Gaskell (orgs.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. (13ª ed, pp. 64-89). Vozes.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Knobel, M. (1981). A síndrome da adolescência normal. In A. Aberastury & M. Knobel (orgs.). *Adolescência normal; um enfoque psicanalítico* (pp. 20-63). Artes Médicas.
- Laraia, R. B. (2001). *Cultura: Um conceito antropológico* (14a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Martins, A. P. A. (2017). Violência no namoro e nas relações íntimas entre jovens: Considerações preliminares sobre o problema no Brasil. *Gênero*, 17(2), 9-28. <https://doi.org/10.22409/rg.v17i2.939>
- Minayo, M. C. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (14ª ed.). Hucitec.
- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000300009>.
- Nasio, J. D. (2011). *Como agir com um adolescente difícil?: um livro para pais e profissionais*. Zahar.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G., Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: Um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-12. <https://doi.org/10.1590/0102-3772e32323>.
- Ozella, S. (2002). Adolescência: Uma perspectiva crítica. In S. H. Koller (org.). *Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas* (pp. 16-24). Conselho Federal de Psicologia. <https://site.cfp.org.br/publicacao/adolescncia-e-psicologia-concepces-prticas-e-reflexes-crticas/>.
- Roberts, K., Tolou-Shams, M., Madera, K. (2016). Adolescent versus Adult Stalking: A Brief Review. *Journal of Forensic Psychology Practice*, 16(4), 236-252. <http://doi.org/10.1080/15228932.2016.1192334>
- Reis, R., & Ribeiro, M. (2017). Dos imaginários sobre a iniciação sexual: Intersecções de gênero, raça/cor e sexualidade entre jovens de camadas populares de Belém, Pará. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 25, 89-112. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2017.25.05.a>.
- Rezende, A. M. A., & Silva, J. P. (2018). Violência contra a mulher: Representações sociais de adolescentes. *Interthesis*, 15(1), 92-110. <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2018v15n1p92>.
- Saffioti, H. I. B. (2015). *Gênero, patriarcado, violência* (2ª ed). Fundação Perseu Abramo.
- Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silveiras, E. F. M. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), 227-234. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(7), 71-99. <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/articloe/view/71721>.
- Silva, S. A., Lucena, K D T, Deininger, L. S. C., Coelho, H. F. C., Vianna, R. P. T., & Anjos, U. U. (2015). Análise da violência doméstica na saúde das mulheres. *Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 25(2), 182-186. <http://dx.doi.org/10.7322/JHGD.103009>.
- Silverstone, R. (2011). *Por que estudar a mídia?* (3ª ed) Editora Loyola.
- Smith-Darden, J. P., Reidy, D. E., & Kernsmith, P. D. (2016). Adolescent stalking and risk of violence. *Journal of Adolescence*, 52, 191-200. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.08.005>
- Soares, L., Ferro, W. C., & Teixeira, E. C. (2022). Determinantes socioeconômicos dos feminicídios no Brasil. *Revista Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas*, 12(35), 19-37.
- Souza, T. M. C., Pascoaleto, T. E., & Mendonça, N. D. (2018). Violência contra mulher no namoro: Percepções de jovens universitários. *Psicologia e Saúde*, 10(3) 31-43. <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v10i3.695>.
- Spitzberg, B. H., Cupach, W. R., & Ciceraro, L. D. L. (2010). Sex differences in stalking and obsessive relational intrusion: Two meta-analyses. *Partner Abuse*, 1, 259-285.
- Stark, C. A. (2019). Gaslighting, misogyny and psychological oppression. *The Monist*, 102(2), 221-235. <https://doi.org/10.1093/monist/onz007>
- Swim, J., & Hyers, L. (2009). Sexism. In T. D. Nelson (ed.). *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination*. (1ª ed, pp. 407-431). Psychology Press Taylor & Francis Group. <https://doi.org/10.4324/9781841697772>.
- Tinoco, K. A. C., & Silva-Segovia, J. (2018). Posiciones discursivas sobre sexualidad, deseo y placer sexual en jóvenes estudiantes chilenos y mexicanos. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 30, 50-78. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2018.30.03.a>.
- Vásquez, T. D., & Hurtado, M. J. R., & Baños, R. V. (2018). La adolescencia ante la violencia 2.0: concepciones, conductas y experiencias. *Educación XX1*, 21(1), 109-133. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70653466006>

Data de submissão: 09/08/2022
Primeira decisão editorial: 28/12/2022
Aceite em 08/02/2023